Petismo e antipetismo no Brasil atual

Há pouco menos que vinte anos, Duda Mendonça, o mais importante profissional de comunicação eleitoral brasileiro, propôs uma formulação simples para a discussão das identidades políticas no País: "No Brasil, em cada três pessoas, uma é petista, a segunda é antipetista e a terceira é neutra, não sendo nem uma coisa, nem outra".

Em outubro passado, nas vésperas da eleição que Bolsonaro venceria, uma pesquisa do instituto Vox Populi perguntou aos entrevistados como se sentiam em relação ao PT. Uma proporção de 10% respondeu que "detestava o PT" e outros 19% disseram que "não gostavam do PT, mas não chegavam a odiá-lo". Do outro lado, 8% afirmaram que "eram petistas" e 21% que "gostavam do PT, mas não se sentiam petistas". Entre os restantes, 38% disseram que "não gostavam, nem desgostavam do PT" e 4% não responderam. As primeiras cinco opções de resposta foram lidas aos entrevistados.

De acordo com esses resultados e definidos nesses termos, "antipetismo" (a soma das duas primeiras respostas) e "petismo" (a soma das duas seguintes) teriam o mesmo tamanho": 29% do eleitorado. A "neutralidade" não seria muito diferente: 38%. Como se vê, números muito semelhantes aos de vinte anos atrás.

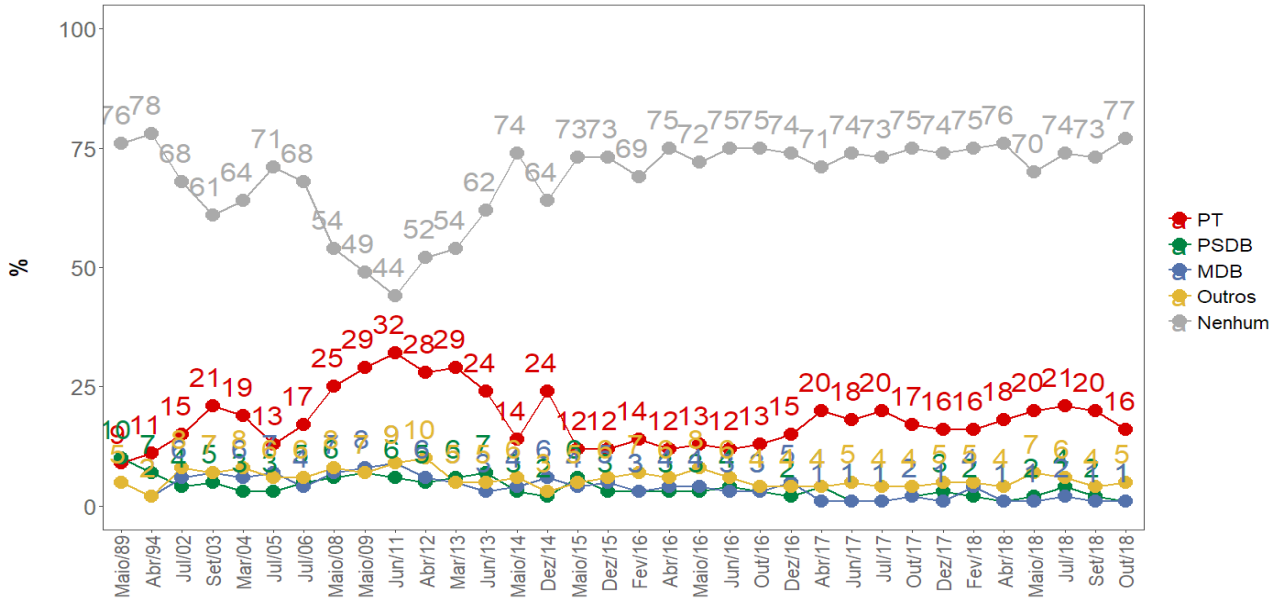
Entre o Brasil em que Duda Mendonça pensava e o do ano passado, as diferenças são grandes. No início dos anos 2000, Lula se preparava para disputar a quarta eleição presidencial, em meio ao fracasso popular do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso. Venceu aquela eleição e se tornou o mais bem avaliado presidente na história do País. Venceu também a seguinte e estabeleceu as bases para as duas vitórias de Dilma Rousseff.

Em 2018, Lula estava preso em decorrência de um golpe civil e proibido de atuar na eleição, em função de um golpe militar velado. O PT lançou a candidatura de Fernando Haddad quando faltavam três semanas para o primeiro turno, em meio a ataques contínuos da grande imprensa nacional, que, enquanto isso, poupava Bolsonaro.

Em países como o Brasil, em que o voto é obrigatório e existe um multipartidarismo exacerbado (atualmente, são 35 partidos registrados e mais 79 aguardam registro), há duas maneiras de calcular o tamanho da base social de cada um. A primeira é perguntar diretamente ao eleitor com qual mais se identifica ou pelo qual tem mais simpatia, assim como por qual tem menos identificação ou simpatia. A segunda é procurar situá-lo em relação a cada um (ou aos mais relevantes), em uma escala cujos pontos vão da maior afinidade ou proximidade à maior rejeição ou distância.

No Quadro 1, a seguir, podemos ver as respostas obtidas em pesquisas do instituto Vox Populi, entre 1989 e 2018, à pergunta: "Você tem simpatia por algum partido político? (se sim) Qual, em primeiro lugar?"

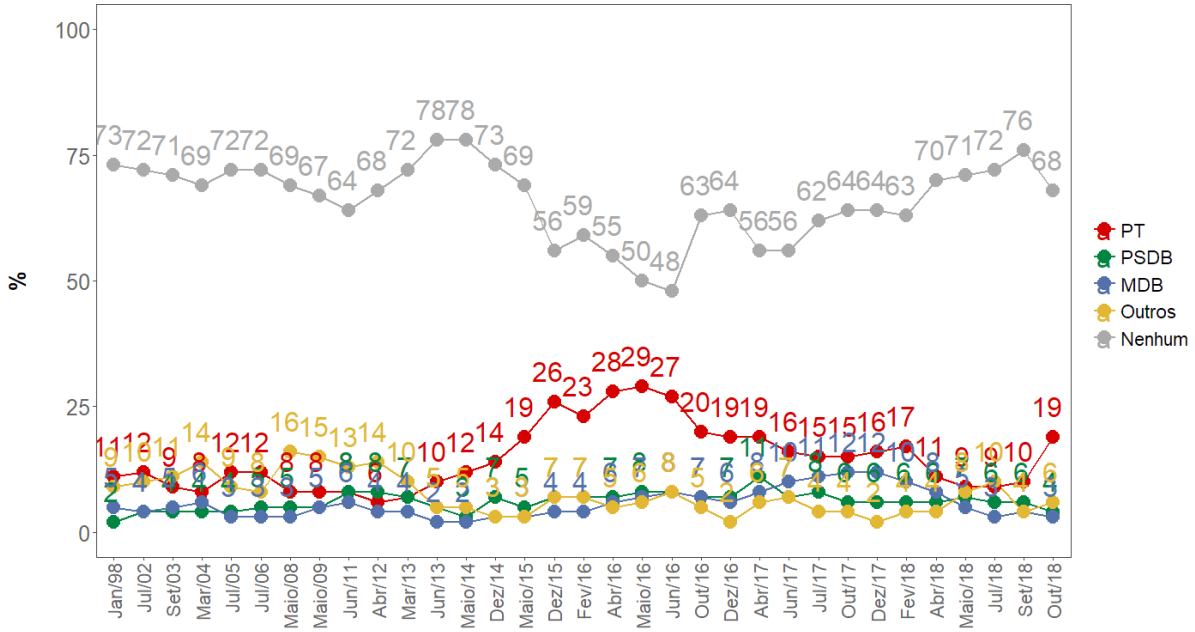
Quadro 1
Simpatia partidária no Brasil
1989 - 2018



Fonte: Vox Populi, pesquisas nacionais.

No quadro 2, podemos ver o inverso, as respostas relativas à falta de simpatia ou à rejeição partidária, em pesquisas do Vox Populi realizadas entre 1998 a 2018.

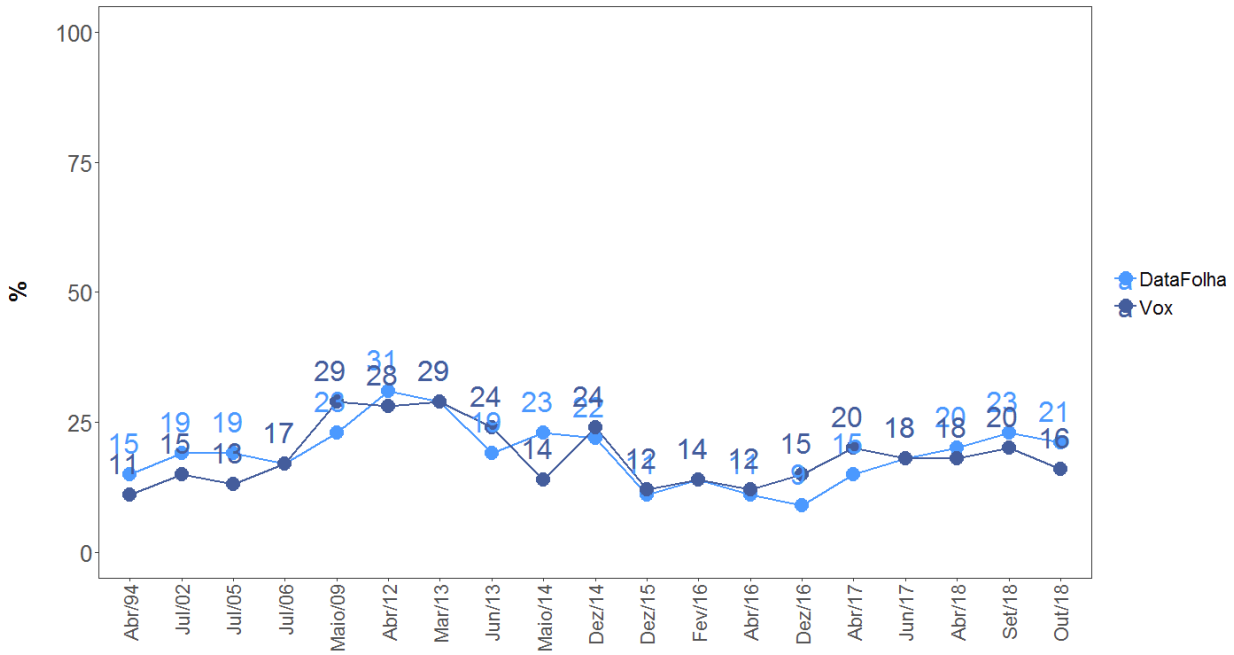
Quadro 2
Rejeição partidária no Brasil
1998 - 2018



Fonte: Vox Populi, pesquisas nacionais.

Para fins de comparação, podemos ver, no Quadro 3, a seguir, como se comportam as linhas de evolução dos resultados das pesquisas Vox Populi cotejadas com a do instituto Datafolha. Nesse caso, a pergunta sempre foi "Qual é o seu partido político de preferência?"

Quadro 3
Simpatia/preferência partidária pelo PT: comparação Vox Populi e Datafolha
1994 – 2018



Fontes: Vox Populi, pesquisas nacionais
Datafolha: Zucco, C. e Samuels, D. "Petistas e antipetistas: PT domina a cena das preferências partidárias no Brasil", in Blog do Ibre, 2/8/2018.

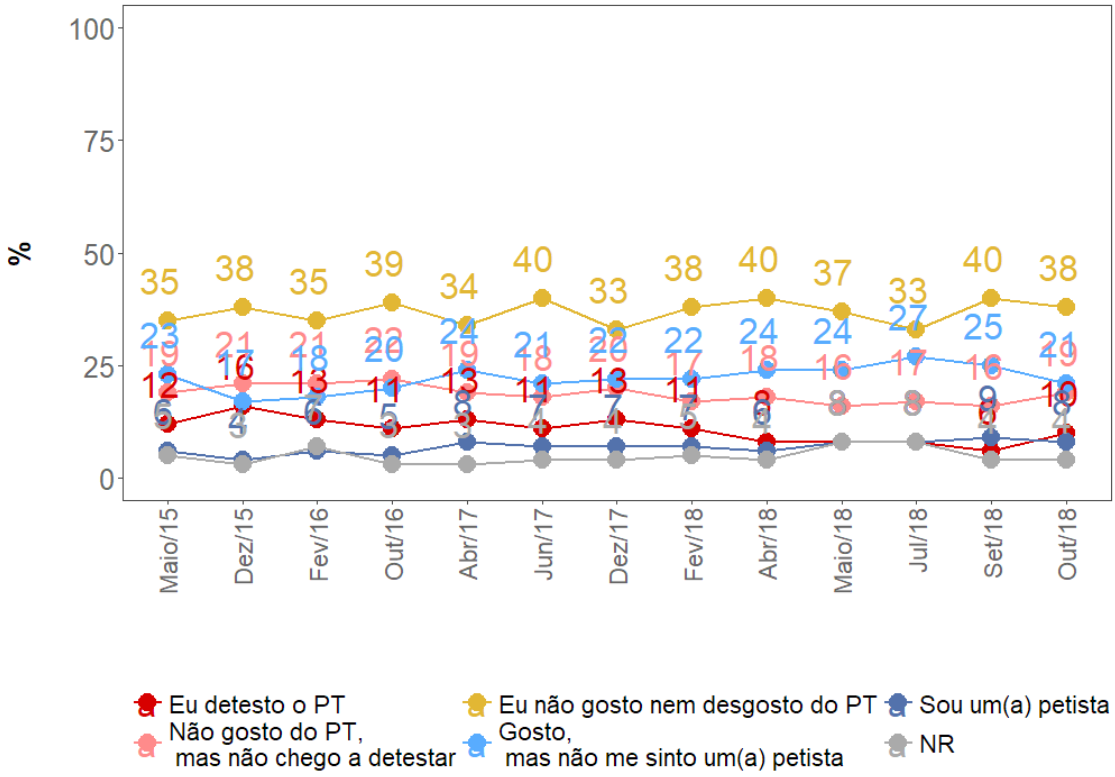
O retrato que as duas linhas mostram é igual:

1) A partir do final dos anos 1980, o PT tornou-se o maior partido brasileiro
2) Seu número de simpatizantes quase dobrou no começo do primeiro governo Lula
3) O pico de preferências foi atingido durante o primeiro governo de Dilma Rousseff, depois dos oito anos de governo Lula
4) Os movimentos pelos quais passou a sociedade brasileira em 2013 e o recrudescimento das denúncias contra o partido entre 2012 e 2013 abalaram essas preferências, mas ele se recuperou em 2014, chegando à vitória na reeleição de Dilma.
5) Seu ponto mais baixo foi atingido na crise do segundo governo Dilma
6) O PT voltou a se recuperar depois do golpe do impeachment de Dilma, retomando seu tamanho histórico.

O mesmo padrão pode ser percebido quando a pergunta diz respeito ao grau de afinidade/distância em relação ao partido. No quadro 4, a seguir, vemos as

respostas à pergunta: “Qual das seguintes frases descreve melhor o seu sentimento em relação ao PT?” (com opções lidas para o entrevistado), a partir de 2015, quando passou a ser incluída nos questionários.

Quadro 4
Sentimentos em relação ao PT
2015- 2018

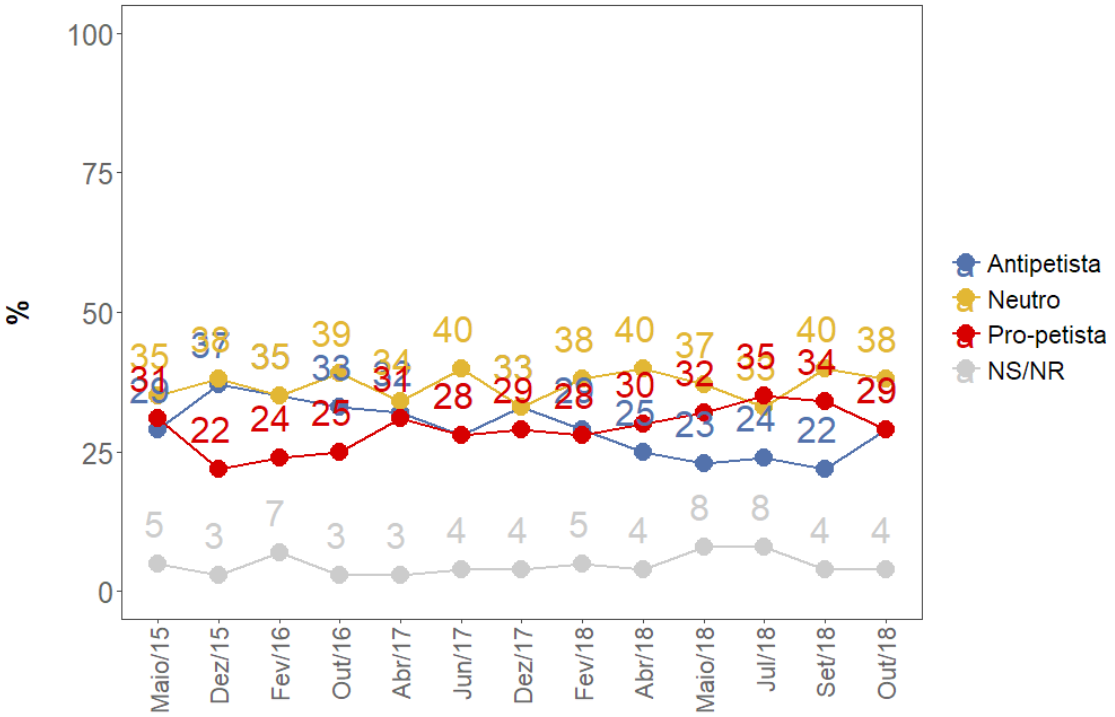


Fonte: Vox Populi, pesquisas nacionais

Os números sugerem que o antipetismo radical, que muitos observadores consideram ser um traço característico da cultura política brasileira recente, é um fenômeno relevante, mas muito menor do que se costuma imaginar. Em plena eleição, com os ânimos exacerbados pela polarização, apenas 10% dos eleitores afirmava que rejeitava fortemente o PT. Quase a mesma proporção dos que se diziam “petistas”.

Buscando mais clareza, podemos agregar as respostas afirmativas e negativas, como está no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5
Sentimentos em relação ao PT, agregados
2015- 2018



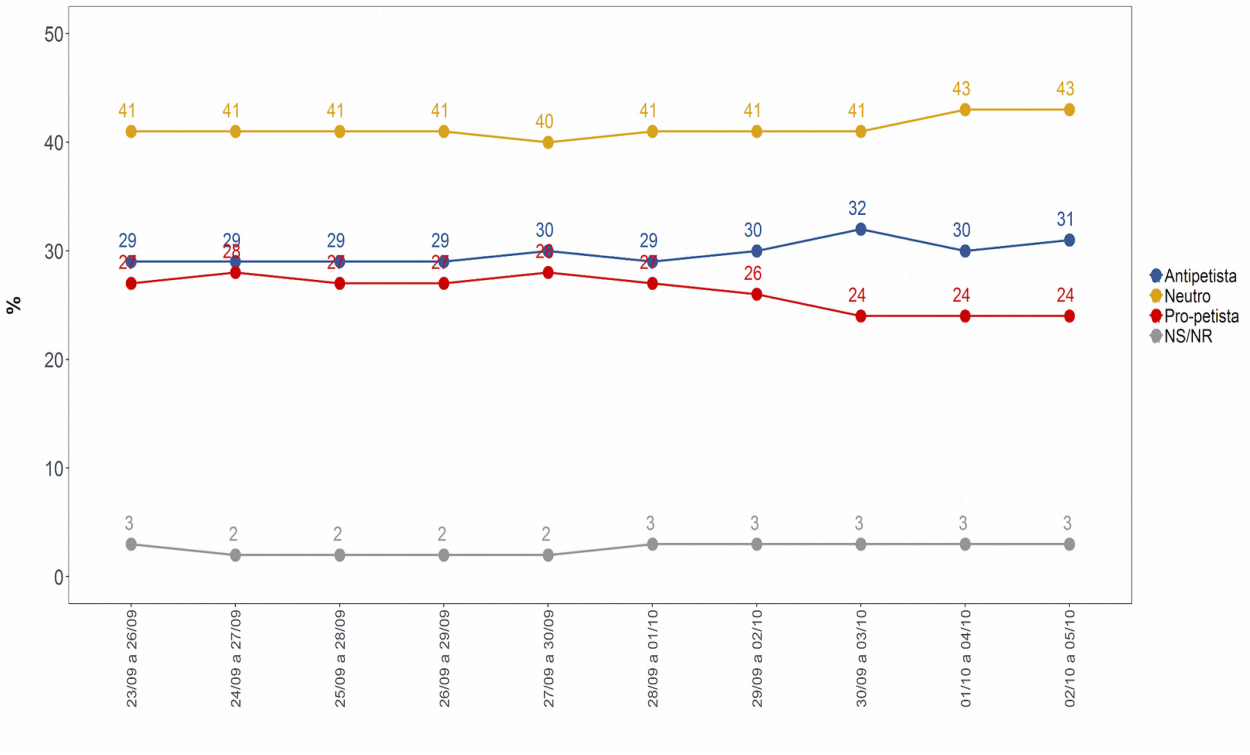
Fonte: Vox Populi, pesquisas nacionais

Os dois últimos quadros permitem ver que o ponto mais elevado que o antipetismo atingiu foi em dezembro de 2015, ao final do primeiro ano do segundo mandato de Dilma, caindo depois do impeachment e da prisão de Lula. Também indica que os sentimentos favoráveis ao partido estavam em alta na entrada da reta final da eleição.

Ao contrário do que algumas pessoas imaginam, apesar do antipetismo haver crescido nos dias finais, as pesquisas mostram que a vitória de Bolsonaro não decorreu de um aumento significativo da rejeição ao PT no momento decisivo do processo eleitoral.

No Quadro 6, podemos ver os resultados das respostas à mesma pergunta no *tracking poll* diário realizado pelo Vox Populi antes do primeiro turno.

Quadro 5
Sentimentos em relação ao PT, agregados
Setembro a outubro, 2018



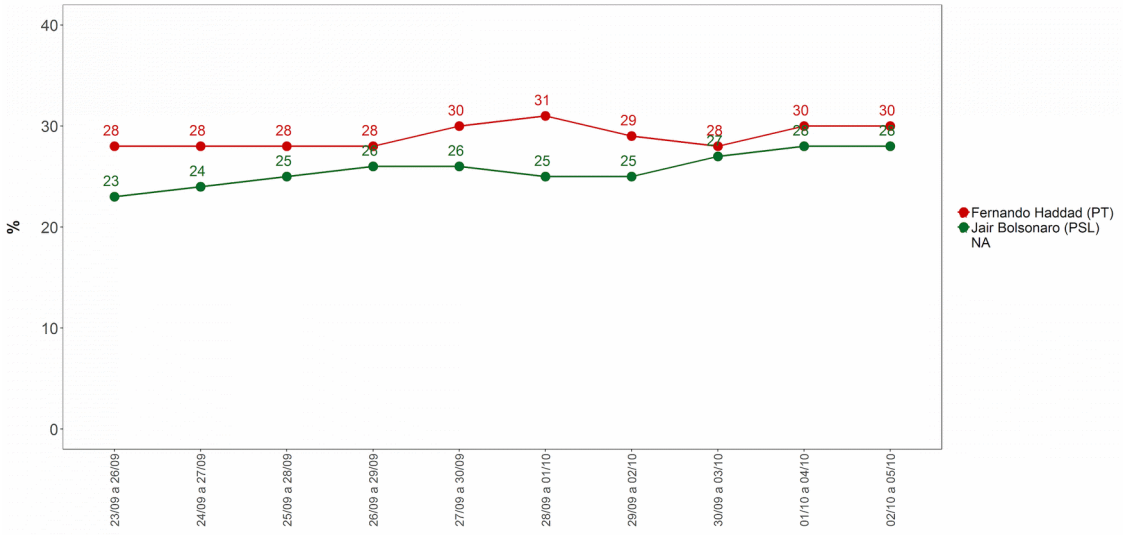
Fonte: Vox Populi, *tracking poll* diário, set/out 2018

É visível que, embora os sentimentos pró-PT caíssem um pouco nos últimos dias, o antipetismo não subiu. Do ponto de vista das atitudes em relação ao PT, essa reta final foi marcada pela estabilidade.

A razão mais importante da derrota de Fernando Haddad não foi, portanto, ao que tudo indica, o antipetismo, mas a fabricação, por meios fraudulentos, de uma rejeição pessoal ao candidato. Há ampla evidência da utilização ilegal do Whatsapp para atingir algumas parcelas do eleitorado, em especial o eleitorado evangélico.

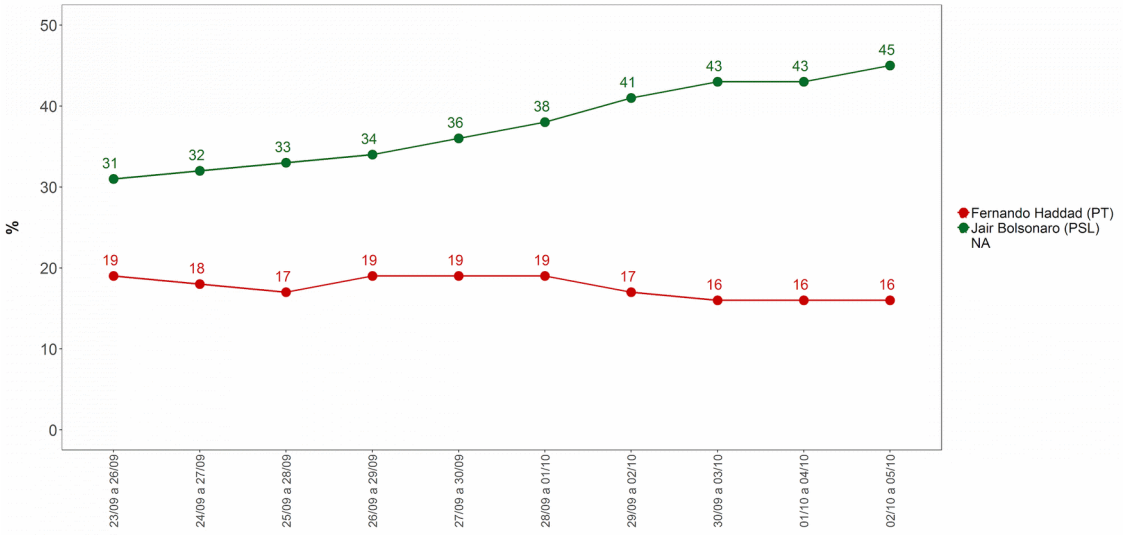
Nos Quadros 6 e 7, abaixo, podemos ver como evoluiu, nesse período, o processo de tomada de decisões de voto entre eleitores católicos e evangélicos. Através deles, percebe-se que o voto católico permaneceu estável, enquanto o evangélico mudou de maneira inteiramente anormal.

Quadro 6
Evolução das intenções de voto em Bolsonaro e Haddad
entre eleitores católicos
Setembro a outubro, 2018



Fonte: Vox Populi, *tracking poll* diário, set/out 2018

Quadro 7
Evolução das intenções de voto em Bolsonaro e Haddad
entre eleitores evangélicos
Setembro a outubro, 2018



Fonte: Vox Populi, *tracking poll* diário, set/out 2018

Há suspeitas do uso de cadastros de eleitores evangélicos disponibilizados por lideranças de igrejas neopentecostais envolvidas na campanha Bolsonaro, que permitiram dirigir mensagens altamente negativas contra Haddad, acusando-o, entre outras coisas, de pedofilia. A estimativa é que o público-alvo dessa campanha tenha chegado a 20% do eleitorado.

Haddad perdeu porque foi vítima de um ciber-ataque imoral e ilegal do ponto de vista da legislação brasileira, e não pelo antipetismo.

Há, no entanto, que considerar um aspecto que os números apresentados sugerem. Embora a velha repartição do eleitorado brasileiro nos três segmentos apontados por Duda Mendonça prevaleça, isto é, que antipetistas e petistas basicamente se equivalham, apesar de todo o desgaste pelo qual Lula e o PT passaram e da oposição sistemática da mídia corporativa contra ambos, os dados apontam para a necessidade de o PT reforçar o diálogo com o eleitorado neutro e apartidário.

A incapacidade de liderança legítima de Bolsonaro e o governo incompetente que realiza aumentam a chance de que esse diálogo seja bem sucedido. Por mais lamentável que tenha sido o resultado da eleição de 2018, parece que a democracia brasileira irá se recuperar do acidente de percurso mais rapidamente do que temíamos.